

## Na cadência do samba

por Leila Medeiros de Menezes<sup>1</sup>

Nascida aos dez minutos do dia cinco de fevereiro de mil novecentos e quarenta e oito, sob o signo de aquário, coração verde-e-rosa. Cheguei em meio à agitação do Carnaval, embalada pelo som das saudosas marchinhas, em especial *Chiquita Bacana*, interpretada por Emilinha Borba e sendo, logo na chegada, agraciada com o campeonato da Estação Primeira de Mangueira que veio a se tornar uma grande paixão.

Vim ao mundo pelas mãos firmes da minha avó Clarinda, mãe de minha mãe, de quem herdei o sabor e o prazer do Carnaval e a alegria das festas. Fiz-me gente junto a tantas outras gentes.

O subúrbio de Bonsucesso foi o meu local de nascimento, mas foi em Parada de Lucas, lugar distante, nem constava do mapa da Cidade do Rio de Janeiro, que me criei e que convivi com “o suor dos corpos na dança da vida”<sup>2</sup> (Gonzaguinha).

Lucas foi onde aprendi a brincar, a trocar, a conhecer a vida nas suas entranhas, a sonhar, mas ao mesmo tempo ter o pé no chão. Foi onde convivi com e conheci pessoas muito especiais que me ensinaram que “a vida é a arte do encontro / embora haja tanto desencontro pela vida”<sup>3</sup> (Vinícius de Moraes).

Diziam que a localidade se chamava Parada porque era lá que o trem “Maria fumaça”, que cortava os subúrbios da antiga Leopoldina, parava para colocar água e seguir viagem e Lucas por ser esse o nome do dono daquelas terras. Hoje o trem é elétrico e Lucas passou a ser um bairro. Consta do mapa e da minha história de vida. Parada de Lucas se inscreveu em mim como uma “tatuagem transparente”.<sup>4</sup>

Deram-me o nome de Leila, escolha da minha mãe. Somado a ele tenho o Medeiros vindo dela e o Menezes do meu pai. Sangue luso-brasileiro, talvez por isso guardo em mim o sentimento do mundo, herança bem lusa.

Convivi com a pobreza, com enchentes, com discriminação, com ônibus lotado (chamávamos de sardinha em lata), com os infinitos engarrafamentos na avenida Brasil.

---

<sup>1</sup> professora do Colégio de Aplicação da UERJ.

<sup>2</sup> - Luiz Gonzaga Júnior. *Redescobrir*.

<sup>3</sup> - Vinícius de Moraes. *Samba da Bênção*.

<sup>4</sup> - Expressão usada por Ana Maria Machado no livro *Bisa Bia, Bisa Bel*. São Paulo: Salamandra. 1984.

Foi vivendo e convivendo com tudo isso que me fiz dignamente gente com a vontade e a sensibilidade para discutir e lutar com e por tantos excluídos.

Pai Mangueirense e mãe Imperiana, convivíamos com o som forte do Aprendizes de Lucas, Unidos da Capela (duas Escolas de Samba tradicionais que deram origem a atual Unidos de Lucas), Quem fala de nós não sabe o que diz (campeoníssimo bloco de enredo). A torcida de meu pai pela velha Manga e a de minha mãe pelo Império Serrano imprimiram em mim, com tons fortes de som e de cor, a cadência do samba. A marca da “vó” Clarinda está tatuada em mim e se manifesta quando me transporto para a tão querida “ala das baianas” – “Sou o meu sonho de o ver realizado”<sup>5</sup> (Martinho da Vila)

Meu pai, grande folião, pouco a pouco, foi me introduzindo no mundo do samba: Cordão da Bola Preta, o Bloco da Notre Dame de Paris (loja onde trabalhava e que ao final do expediente os trabalhadores se organizavam em um bloco bastante animado. Meu pai era o mestre-sala), blocos de sujo na Avenida Rio Branco nos sábados e domingos de carnaval, bailes do América Futebol Clube. Minha mãe, apesar de não gostar muito da folia, vestia-nos (eu e meus irmãos) com fantasias e acompanhava-nos em todas as andanças carnavalescas para vivermos plenamente a fantasia do carnaval.

Uma lembrança muito presente era um saquinho de filó que recebia no sábado de Carnaval, contendo lança perfume, confete e serpentina. Nossa, quanta alegria! Eu e meus irmãos fazíamos a festa.

Mas, o grande encantamento veio do *Palácio do Samba*. O “canto de fé” da Estação Primeira de Mangueira, aliado ao som forte do seu surdo sem resposta transformaram-me em mangueirense de corpo, alma e coração, meu sangue hoje é totalmente verde e rosa – “É força, é raça, é coração” (Samba de Enredo/1983). Aí aconteceu meu encontro definitivo com o samba, desde a década de 60, do século passado.

A Nação Mangueirense é exemplar na garra, na força, no fazer acontecer, a cada ano, o carnaval, apesar de tantos percalços vividos por aquela gente. Ser mangueirense para a comunidade é o passaporte do próprio viver.

As cores verde e rosa – metáfora de toda a comunidade – estão pintadas em cada um dos membros da Nação e se expressam em tons fortes no exterior, através das

---

<sup>5</sup> - Samba-enredo de autoria de Martinho da Vila. Unidos da Vila Isabel.

vestimentas – a famosa camiseta e o gorro de crochê listrados em verde-rosa usadas por muitos moradores de Mangueira –, nas pinturas das fachadas das residências, no mar verde e rosa que se tornou a rua Visconde de Niterói e adjacências, local onde está localizada a quadra da Escola de Samba, o famoso Palácio do Samba; e no interior da quase totalidade da comunidade, na força, na raça, no coração. O sentimento de Nação está no pertencimento a essa comunidade. Compreender a ordem do discurso dessas pessoas é compreender o discurso da comunidade.

Aqui cabe um depoimento que ilustra bem essa relação: na década de 90, fui trabalhar na sala de leitura da Escola Municipal Mestre Waldomiro<sup>6</sup>, no pé do morro da Mangueira. A direção da escola resolveu fazer uma campanha de doação de tinta para pintar as salas de aula (a fachada do prédio é em tijolinhos). Imediatamente os alunos se envolveram na campanha. As latas de tinta começaram a aparecer. Como era de se esperar, todas verde e rosa. Estavam assim ampliando de fato e de direito o domínio da Nação e, aquele espaço, por vezes silenciado, acaba por responder significativamente.

Dessa forma, falar de Mangueira é falar de si mesmo, sendo Mangueira o lugar simbólico da metáfora, confundindo-se, aí, o corpo do texto com o texto do corpo. O verde e o rosa são a própria textualização, a forma de fazer significar aquela comunidade. Ao vestir a camiseta ou o gorro listrados, o próprio corpo passa a ser o lugar material de significação. As cores, portanto, são marcas ritualísticas de identidade, como se fosse uma assinatura. É o pertencimento àquela comunidade, a total apropriação do seu espaço. Segundo Orlandi, “é aí que a comunidade se conta, se diz, é aí que ela se faz diversidade”.<sup>7</sup>

A fala de uma criança se torna exemplar: ao encontrar Mayra no corredor da Colégio de Aplicação da UERJ, local em que trabalho e que Mayra passou a estudar, logo nos primeiros dias de aula e na estréia dela, aos seis anos, como aluna do Colégio, chamou a minha atenção seu penteado – eram várias trancinhas e na ponta de cada uma delas fora colocado um miçangão verde e outro rosa. Estabeleceu-se, então, o seguinte diálogo entre nós – disse-lhe:

- Gostei do penteado, em especial dessas bolinhas verde e rosa.

Mayra botou a mão na cintura e respondeu-me com toda a segurança e bem sorridente:

---

<sup>6</sup> - Mestre Waldomiro foi o grande mestre de bateria do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Esteve à frente da bateria até o ano de 1983, quando veio a falecer, já com a idade bem avançada. Foi quem instituiu o famoso surdo sem resposta, tão característico da Escola.

<sup>7</sup> - Eni P. Orlandi. *Texto e Interpretação*. São Paulo: Pontes, p. 194.

- Olha, professora, eu sou da comunidade.

Como diz a letra de um samba de Hermínio Bello de Carvalho (mangueirense de quatro costados), “a Mangueira é tão grande que nem cabe explicação”; para aquela criança, a comunidade se confunde com Mangueira. Ser da comunidade, é ser Mangueira; ao responder-me, Mayra ignorou que existem tantas outras comunidades e, de forma metonímica, tomou a parte pelo todo.

Na década de 70, pelas mãos de Max Lopes (grande carnavalesco), saí da platéia para entrar nos bastidores do carnaval; a partir de então, envolvi-me definitivamente com o Carnaval, em especial com a Mangueira. Como tem sido bonito transformar idéias, textos, desenhos em movimento! Como tem sido gratificante conviver com pessoas tão marcadas pela vida! Quantas lições de vida e de sensibilidade!

A pesquisa de enredo, o trabalho com a ala de compositores, viver o dia-a-dia do barracão, em especial na arte final dos carros alegóricos, elaborar a defesa de quesitos tem sido um verdadeiro aprendizado do que significa trabalhar em equipe e (com)viver com pessoas tão especiais.

Meus passeios pela Unidos de Lucas, União da Ilha do Governador (É hoje!), Imperatriz Leopoldinense (Vamos brincar de ser criança e o campeonato com Liberdade, Liberdade!), Unidos da Vila Isabel(Parece que foi ontem, Raízes), Unidos do Viradouro (Bravo, Bravíssimo! Dercy Gonçalves, e, no ano seguinte, aquele momento triste e inesquecível do carro da Sibéria pegando fogo),Estação Primeira de Mangueira – grande realização! (Verde que te quero rosa; o super-campeonato/84 Yes, nós temos Braguinha – aquela volta triunfal etc... etc..., etc...) têm sido muito gratificantes. Convivo com “gentes” que fazem da ilusão do Carnaval o grande momento de realização de muitos sonhos. Quantos ensinamentos!

Aqui cabem algumas curiosidades que falam de Mangueira de forma bem particular. Quando em 1983 estava envolvida no enredo em homenagem ao Cartola – Verde que te quero rosa, semente viva do samba –, Max, o “mago das cores”, resolveu dar um toque de classe às cores verde e rosa, clareando-as. Os presidentes de alas, os mais tradicionais, sempre declaravam e questionavam: “a fantasia está linda”, mas “seu Max, onde estão as cores da bandeira?”

Outra feita, em um dos cortes de samba-enredo para o Carnaval de 1984, todos os intérpretes chegavam em verde e rosa; lá pelas tantas, um deles chegou todo vestido de marrom. Max declarou-me: “finalmente, alguém que não é tão doente!” No decorrer da cantoria, o indivíduo começou a suar e sacou do bolso um lenço, nada mais nada

menos, do que verde e rosa. Virei-me para Max e disse-lhe: esse não traiu sua gente. As cores estavam lá presentes.

Podemos concluir que o discurso “dessas gentes”, quer verbal ou não verbal, está sempre referenciado nas cores, nas suas personalidades (algumas eternas), nas suas produções e nos seus produtos. Os refrãos dos sambas-enredos, as inúmeras canções que exaltam Mangueira confirmam isto. Assim, podemos ilustrar com alguns desses fragmentos de textos:

Me leva que eu vou, sonho meu  
Atrás da verde e rosa  
Só não vai quem já morreu<sup>8</sup>

Aí está expressa a alegria do pertencimento, pois estar vivo é seguir Mangueira.

Mangueira vê no céu dos orixás  
O horizonte rosa no verde do mar  
A alvorada veste a fantasia  
Para exaltar Caymmi e a velha Bahia<sup>9</sup>

No vocábulo alvorada podemos verificar que houve um deslizamento de sentido pelo efeito metafórico. Aí está a alvorada lá no morro, tão bem cantada por Cartola.

Desperta Cartola, vem pra avenida  
Se a Mangueira é uma porta aberta  
Você é a razão da sua vida.  
Você plantou, viu germinar  
E a semente cresceu formosa  
Deu Mangueira verde de manga rosa<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> - Samba-enredo que homenageou os quatro baianos. Década de 90.

<sup>9</sup> - Samba-enredo que homenageou Dorival Caymmi. 1986.

<sup>10</sup> - Samba-enredo que homenageou a própria Mangueira e seu fundador Cartola. 1983.

Chamando Cartola para estar na avenida, a poesia se estabeleceu nos versos do samba-enredo para homenageá-lo. O jogo de palavras que se estabelece explode, então, em significação na relação criador (Cartola)-criatura (Mangueira).

Finalizando essa minha tão feliz relação com o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, onde, como já declarei, tenho aprendido tanto com “essas tantas diferentes gentes” que são, como diz Gonzaguinha, “as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”, vou tomar emprestados os versos de Hermínio Belo de Carvalho em sua composição, parceria com Paulinho da Viola (portelense que não se omitiu para falar de Mangueira) para, na beleza dos seus versos, resumir o que significa Mangueira para cada mangueirense:

Em Mangueira a poesia feito mar se alastrou  
E a beleza do lugar  
Pra se entender, tem que se achar  
Que a vida não é só isso que se vê  
É um pouco mais...  
Que os olhos não conseguem perceber,  
As mãos não ousam tocar,  
Os pés recusam pisar<sup>11</sup>

Finalizo essa minha “conversa”, cantando o “canto de fé” que é Mangueira, essa comunidade tão forte, tão rica, tão diversa e, por vezes adversa, que vem enfrentando todas as intempéries que lhes são impostas com força e dignidade, que não se cala frente à defesa dos seus direitos inalienáveis de cidadãos, que vem buscando a inclusão de suas crianças e seus jovens de forma séria e comprometida. Deixo aqui minha admiração, meu carinho, meu agradecimento por tantos ensinamentos.

Realmente, “a Mangueira é tão grande que nem cabe explicação”. Sei lá, não sei...<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> - Hermínio Belo de Carvalho e Paulinho da Viola. *Sei lá, Mangueira*.

<sup>12</sup> - Referência à composição *Sei lá, Mangueira, supracitada*.